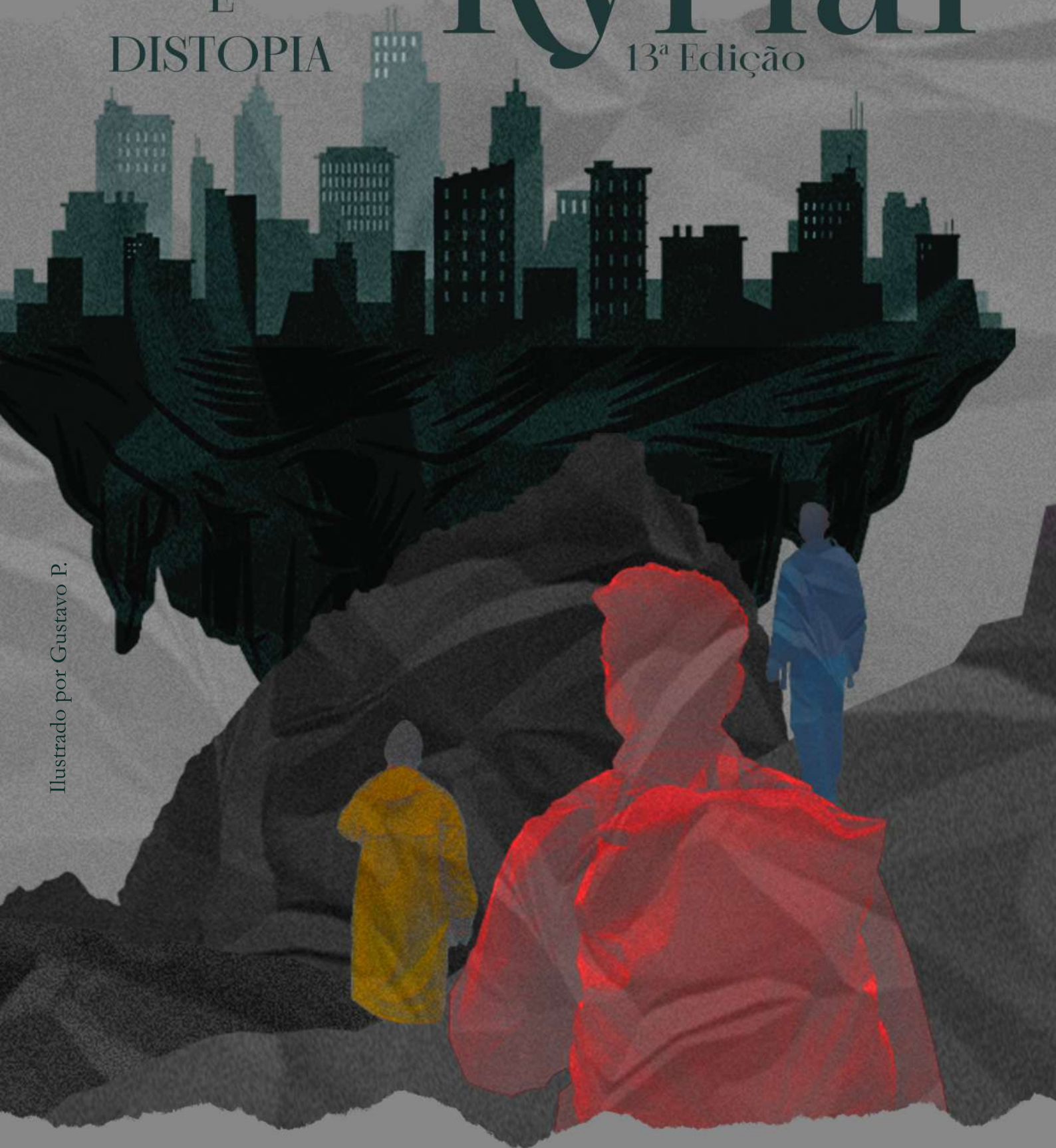


UTOPIA
E
DISTOPIA

Kyrial

13ª Edição

Ilustrado por Gustavo P.



2022

EXPEDIENTE

Revista Kyrial

ISSN 1982-1085

Campinas, v. 13, ano 16

Outubro de 2022

Coordenação editorial

Prof. Dr. João Paulo Hergesel

Conselho editorial

Alessandra Taiko Kopittke Akimoto

Amanda Penachin

Ana Giulia Muraca Castro

Ana Julia Cabral

Clara Kuser Falcão

Luís Pires Barbosa Lima Júnior

Mariana Perlati Santos Aleixo de Paula

Mariana Vinicius da Silva Fassina

Paulo Gabriel da Silveira Peixoto

Ilustração de capa

Gustavo Pinheiro

Diagramação e projeto gráfico

Isabela Marques

Revisão de textos em língua inglesa

Alessandra Taiko Kopittke Akimoto

Clara Kuser Falcão

Mariana Vinicius da Silva Fassina

Revisão de textos em língua portuguesa

Amanda Penachin

Ana Giulia Muraca Castro

Ana Julia Cabral

Luís Pires Barbosa Lima Júnior

Mariana Perlati Santos Aleixo de Paula

Paulo Gabriel da Silveira Peixoto

Kyrial é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da PUC-Campinas desde 2007.

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização.

E-mail: revistakyrial@outlook.com

Site: <https://revistakyrial.weebly.com/>

Blog: <https://revistakyrial.wordpress.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/revistakyrial/>

Instagram: <https://www.instagram.com/revistakyrial>

Catlogação na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

R454

**Revista Kyrial: utopia e distopia - Volume 13 / Faculdade de Letras da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas (Organização). – Campinas/SP: PUC-Campinas, 2022.**

Vários autores

44 p., il.; 21 X 29,7 cm

ISSN 1982-1085

**1. Antologia - Contos e Poemas. 2. Literatura brasileira. I. Faculdade de Letras da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas (Organização). II. Título.**

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia - Contos e Poemas : Literatura brasileira

EDITORIAL

Finalmente chegamos à fase em que nosso planeta está livre de quaisquer doenças e transtornos. Não há violência, nem preconceito, nem desigualdade social. A fome foi erradicada, bem como o analfabetismo. Temos uma política justa, pautada pela honestidade e pelo zelo aos civis. O respeito à diversidade e aos direitos humanos são nossos principais destaques. Vivemos em um paraíso encantado!

Ou não... As epidemias se intensificaram e os vírus têm dizimado comunidades inteiras de seres humanos e animais. Os tiroteios são cotidianos, assim como as agressões físicas e os assassinatos. Ofensas morais se tornaram corriqueiras. Pessoas de diferentes pensamentos não mais se misturam. A Terceira Guerra Mundial foi declarada, e o governo restringiu ao máximo a liberdade dos cidadãos. Estamos em um cenário pós-apocalíptico!

Em uma ponta, temos a utopia, a ideia de mundo perfeito; de outro, a distopia, o extremo oposto. Os estudos etimológicos nos explicam que “tópos” é a palavra grega equivalente a “lugar”. Nesse sentido, **UTOPIA**, com seu prefixo “u”, indicando negação, seria o “não lugar”, o “lugar nenhum”; já **DISTOPIA**, com seu prefixo “dys”, indicando anormalidade, seria o “lugar mau”, o “lugar ruim”.

É justamente essa gangorra de emoções, de visões de realidade tão distintas, que inspira os textos desta **13.ª edição da Revista Kyrial**. Lançada em outubro de 2022, a edição marca o período entre os turnos de uma eleição presidencial bastante polarizada, com defensores e opositores acalorados, imaginando situações ora admiráveis, ora catastróficas para os próximos anos.

Além dos dez textos recebidos voluntariamente sobre essa temática, esta edição traz ainda os trabalhos premiados no **8.º Concurso Literário da Faculdade de Letras da PUC-Campinas**, realizado entre junho e outubro de 2021. São 15 textos selecionados nas categorias conto, crônica e poema, em língua portuguesa, e *mini short story* e *poem*, em língua inglesa.

Desejamos uma leitura que não seja nem utópica nem distópica, mas no equilíbrio necessário para divertir, entreter e provocar a criticidade.

João Paulo Hergesel

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte
e da Faculdade de Letras da PUC-Campinas*

SUMÁRIO

5	The hope of a utopia <i>Yasmim Verdadeiro Augusto</i>	C	20	Vida após a morte <i>Luíza Eduarda Miranda</i>
6	Distopia <i>Ana Júlia Caetano</i>	O	22	Moedas perdidas <i>Milena Wanderley</i>
7	The Dawn <i>Leticia de Souza</i>	N	25	Dias chuvosos <i>Mary Barakat Chaib</i>
8	<i>Leticia Nóbrega Kremer</i>	C	28	Pasagem <i>Larissa Lopes Furquim da Silva</i>
10	Virando do avesso <i>Lucca Henrique Hermini</i>	U	30	Caipira <i>Hugo Santinato Faria</i>
11	Utopia dos sonhos <i>Isabela Marques</i>	R	32	Musicalizar-me <i>Felipe Pizzinatto</i>
12	Toda a liberdade do mundo <i>Lucca Henrique Hermini</i>	S	33	The cat's hole <i>Isabela Aparecida Zambuzi de Moraes</i>
17	Sentimentos utópicos que acalentam meu ser <i>Ana Caterine Mendes da Silva</i>	O	35	Crimes in the street <i>Andrey Alves Santana</i>
18	Utopia Necessária <i>Lucca Henrique Hermini</i>	L	36	Of foreign things <i>Luíza Eduarda Miranda</i>
19	Dystopia <i>Ana Júlia Caetano</i>	I	38	You are. In spirit. (I hope my verses can help you feel better somehow) <i>Juliana Peron Gothe</i>
		T	39	The pouring rain <i>Ane Chelly Pereira Cangussu</i>
		E	40	Don't give up! <i>Paloma Simon Vicente</i>
		R	41	A carne mais doce <i>Maria Ligia de Carvalho Solssia</i>
		Á	42	Transviada juventude <i>Luíza Eduarda Miranda</i>
		R	43	Lugar recôndito <i>Livia de Resende Bigelli</i>
		I		
		O		

The hope of a Utopia

Yasmim Verdadeiro Augusto

We are living **IN** a nightmare
Motivated by **THE** mad egoism that obscures our happiness
And generates an oppressive **CHAOS** with non-glare
That organizes a society **OF** mind control, alienation, and hopelessness.
Our freedom and identity are erased by **A** dehumanized violence
That jails us in a **FRIGHTENING** power of injustice,
Caused by a terrible **DYSTOPIA** that destroys our human essence.

But we can't let fate **WRITE** this final judgment
Of authoritarian suffering **IN** our life path.
We need to find **OUR** sorrow and disillusionment,
Which frighten our **SOUL** and lead to wrath,
And fight for **THE** goal of honesty and peace
In a way to reinvent our **HOPE** of equality,
And **OF** change, progress, and justice.
We need **A** revolution to transcend our dangerous reality
And to reach a **UTOPIA** of blessings.

Some think this new world is far away **AND** that it is impossible to achieve it.
That the **FIGHT** for this no-place is not worth the final applause.
But this utopia is not remote **FOR** those who believe
That **THE** revolution of union and justice is a spectacular cause.
We don't have to wait for the **PERFECT** day!
We must start building this good **PLACE** here
And live **THAT** craved wish today.
Then, the fairness that **INHABITS** the most sincere
Of **OUR** heyday of delights
Will lead us to the **DESIRED** transcendence
Where our **DREAMS** will live forever in light.

distopia

Ana Júlia Caetano

eu não preciso enxergar
para sentir
centenas de mãos ásperas, calejadas
vagando pelo meu corpo
arranhando meus olhos
rasgando minhas entranhas
pressionando meu peito e
calando minha boca com força.
procurando algo que não dei de bom grado
criações trazidas a mim por horrores
que não eram meus.
há mãos que não são minhas
arrastando meu peso no chão
dizendo que sou um vaso de luz
merecedor de proteção.
dignidade, nas línguas afiadas dos de cima
não é para ser desperdiçada em mim
mera portadora
apenas para ser dada
ao que posso carregar

The dawn

Letícia de Souza

There's a place I call home
But it's not a shelter at all
It's not even warm
It's placed by broken dreams
And pieces of butterflies' wings.

It gets darker even when the sun comes up
When something shines
It blinds people with no mercy.

It's home, though.
My people say.

But why are they running away?
Why are their eyes so full of bloody tears?

There must be an escape
Where serenity is taken by the hand to go through one last dance
That's what we're supposed to think
That's what we might believe
As we carefully break down

No matter what
Tomorrow is just a battlefield as is today
For nothing shall we pray
For nothing shall we hope

In suffering we must rely on
In suffering we must perish
There's nothing but survival in these lands.

Letícia Nóbrega Kremer

Era 2520. Uma criança, de no máximo onze anos, estava a caminho de seu trabalho, sozinha. Membros da sua família, até mesmo sua avó, precisavam trabalhar. Apenas sua irmã caçula ficava com uma vizinha que cuidava dela durante o dia. Por ter sido demitida de seu trabalho anterior, a mulher usava essas horas vagas como babá e recebia em troca alguns litros de água potável que a família conseguia dar para ela sem que os prejudicasse. Era uma quantidade menor do que recebia quando era diarista de uma família de classe alta, mas, como todos da região sabiam, água era essencial, mesmo que pouco. Ao menos não morreria de desidratação como a maioria das pessoas.

A criança se recorda do pequeno período em que foi à escola pública, antes de ter que arranjar um emprego, na qual descobriu que, quinhentos anos antes, além de o mundo ter mais terra habitável e uma população maior, as pessoas pagavam tudo com um papel que tinha valor variado e até uma versão digital. Foi um fato tão bizarro de ouvir que a criança e seus colegas acharam que era brincadeira por parte da professora. Por que um pedaço de papel valia algo? Ainda mais em uma época em que se deu o início de várias doenças pandêmicas e mudanças climáticas. Porém, ninguém perguntou mais nada. Questionar muito poderia levar os superiores da escola a denunciarem o professor ou aluno “malfeitor”, e os questionadores e quem passava as informações consideradas inapropriadas nunca mais eram vistos.

A criança para de lembrar do seu passado para se concentrar em atravessar a ponte velha de madeira podre que a levaria em direção ao trabalho, possibilitando que as pessoas não precisassem atravessar pela água suja. O vento quente fora de época faz seus cachos castanhos balançarem ao redor do rosto, tornando mais difícil ver o caminho com clareza. Ela segura a corda que liga a ponte de um ponto ao outro e sente as lágrimas formando em seus olhos escuros. Já sabe que vai levar bronca do chefe por seu cabelo estar inapropriado, mesmo que seu serviço seja apenas entregar comida e docinhos para pessoas ricas que sempre a ignoram e mal lhe dão uma gorjeta, como um copo d'água. Mesmo que essa água não vá fazer falta para eles, que têm banhos diários, uma mansão sempre limpíssima, verduras lavadas em água potável e roupas luxuosas e cheirosas.

Finalmente ela chega ao outro lado e, faltando pouco para chegar ao ponto de ônibus que a levaria para o restaurante em que trabalha, ela ouve um barulho estranho. Curiosa e querendo arranjar uma desculpa para ter mais tempo para ajeitar o cabelo, ela se aproxima do beco de onde veio o som e sente seu coração parar na garganta.

É um animal.

A criatura é pequena, seus pelos são pretos e lisos com algumas partes brancas e os olhos, laranjas. Suas orelhas pontudas se viram em direção à criança, e então ele abre a boca e emite o som novamente, um som que a criança nunca sequer saberia explicar, pois é a primeira vez que vê um animal. Animais, em sua grande parte, eram completamente proibidos de existir em cidades, pois eram culpabilizados por novas doenças contagiosas.

A criatura emite um som novamente e se levanta, indo em direção à criança que, com o susto, tropeça enquanto ia para trás na tentativa de se afastar, e cai de costas no chão sujo. A criatura então pula em seu colo. O corpo do animal treme em um ritmo esquisito que parece começar no pescoço. Ela se enrola e se deita entre as pernas da criança que, apesar de estar com medo, já tinha um sorriso em seu rosto. Que criatura fofa! Ela faz um cafuné no bichinho que dá um suspiro longo, relaxado.

Algo tão inocente realmente trouxe as doenças que fizeram o mundo ficar cada vez mais inabitável? A criança não sabe dizer, mas está se sentindo bem. Decide que havia feito um amigo e que tinha mais um motivo para ficar feliz de ir andando até o ônibus afastado de casa. No fim, ainda era uma criança maravilhada em um mundo devastado, vendo o maravilhoso na simplicidade do que a Terra tinha a oferecer.



Virando do avesso

Lucca Henrique Hermini

Chegou finalmente a hora
De botar todo esse sentimento para fora
E mandar todas essas pessoas embora

Hora de revolução
Criando uma infestação
Perdendo completamente a noção
Destruindo totalmente qualquer razão
Mas virando do avesso é a solução

A ideia dessa Distopia é o que nos move
Mesmo que seja uma ideia que se autopromove
Tudo ao redor ficou assim
Então nos resta só aceitar esse fim

Aos que ficam em casa escondidos
Saibam que estão melhores que os desaparecidos
Nas ruas não há lei, a não ser a do mais forte
Por isso quem está aqui fora se vira na sorte

Pode parecer um cenário amedrontador
Só de passar por aqui é aterrorizante
Mas não tem quem olhe para esse lugar sem ser com horror
Só resta o pessoal aqui também se tornar horripilante

O medo de nós é o que nos afasta dos perigos
Nossa imagem pública é de inimigos
Vivemos nessa selva por conta dessa nova ditadura
Posta por uma população que só queria sua vida segura

Agora, quando o mundo se incendeia
Somos considerados culpados e jogados em um canto para formar nossa aldeia
Por isso nos unimos, para sobreviver a essa situação de cadeia

O novo normal transformou tudo
Na mente dos mais fracos, seria melhor viver em outros mundos
Para nós, é condição permanecermos imundos

Utopia dos sonhos

Isabela Marques

Utópico jeito de sonhar
Neste mundo que insiste em nos acordar;
Se somos seres pensantes, é tudo demais.

Demais para lidar;
Lidar para viver;
Viver para sonhar;
Sonhar para enfrentar;
Enfrentar para repetir.

E repetimos.
Tudo de novo.
Tudo do zero.
E dentro dessa distopia percebemos
Que o imperfeito pode ser o nosso perfeito.

Toda a liberdade do mundo

Lucca Henrique Hermini

Era uma tarde simples naquela pequena cidade do interior, onde as pessoas viviam tranquilas sem muita pretensão. Havia uma avenida principal com comércios e alguns bairros perto da vegetação da região, sem dúvidas era um lugar pacato e isolado e isso se refletia para a ambientação da cidade no geral. Havia quem pensasse que aquele lugar era horrível de morar pois nada acontecia; era como se tivesse parado no tempo, principalmente os mais jovens e mais rebeldes. Por um outro lado, havia uma boa parte dos moradores que acreditavam que aquele local era pacífico e ótimo de se viver e que toda a tranquilidade era benéfica.

Uma coisa que havia por lá além de toda essa paz e tranquilidade era um governo bem presente, todos na cidade conheciam pessoalmente o prefeito, além de que a prefeitura e a mansão de posse do prefeito eram pontos marcantes com arquitetura grandiosa, isso tudo dava um destaque e uma imagem de potência que o governo tinha lá. Outra parte que era associada ao governo eram as rígidas e antigas leis, além dos complexos métodos de votação, que sempre aconteciam em um período de quatro anos, com uma série de etapas para que, enfim, fosse decidido o novo prefeito que cuidaria daquela cidade. Essa presença toda do governo também incomodava essa parcela mais jovem da população que não gostava de nada por ali, enquanto a população mais velha que estava vivendo bem por lá nem se importava com o quanto de poder o governo tinha por ali, já que nada disso afetava seu cotidiano na visão delas, apenas na parte mais burocrática de impostos ou sobre as regulações que tiravam boa parte da liberdade, mas nada disso era perceptível para essas pessoas.

No meio de tanta tranquilidade e daquela vida repetitiva, uma nova proposta iria servir para criar uma ruptura na cidade, mas que parecia uma ideia fantástica. Um estranho forasteiro havia chegado, era um grande homem de negócios e havia crescido naquela cidade, retornou para concorrer ao rigoroso cargo da prefeitura, com propostas de campanha bem inusitadas como: reduzir os impostos; baixar os preços dos produtos; tirar boa parte da burocracia local que havia por lá; mas, principalmente, tornar a cidade um lugar livre de qualquer regra, uma demarcação territorial utópica. Quando disse aquelas palavras em sua chegada e primeiro discurso, todos o olharam com estranheza como se tivessem escutado alguma coisa polêmica ou cômica, aquele conceito de longe foi o mais absurdo já dito por ali, incluindo as coisas ditas pelo grupo que odiava a cidade, por conta disso eles nem ligaram para a proposta apresentada na primeira vez em que ouviram.

Mas aquele homem estava determinado em atingir aquela condição com os moradores da cidade, por conta disso ele se manteve na cidade nos dias que precediam a eleição, para que pudesse divulgar e comentar mais sobre sua mensagem para toda aquela população, com a meta de que uma mudança significativa pudesse ser feita, mas para isso era necessário insistência para tirar as pessoas daquela condição que viviam, aquela inércia cotidiana.

— Venham todos, por favor, ouçam um pouco do que tenho a dizer — dizia ele em cima de um caixote servindo de palanque, na avenida principal.

— Não estão interessados em ouvir sobre a verdadeira liberdade, independência plena e tudo de melhor que pode vir com isso? — Ele continuou a falar, mesmo que as pessoas não parassem para ouvi-lo.

Mesmo assim ele continuou a pregar sua ideologia e repetir o quanto ela faria bem para os habitantes daquela cidade, já que seriam os maiores beneficiados com todos aqueles planos, além de que seriam extremamente necessários os votos deles para concretizar esse novo modelo governamental, o qual romperia qualquer barreira que eles tinham. Só que tudo aquilo parecia em vão considerando que ninguém estava aderindo ao que ele estava falando, como se ele estivesse falando para os ares.

Por um momento, os mais jovens estavam interessados em sua ideologia, mas depois abstraíram rapidamente, pois queriam medidas mais radicais, mas para a sorte do político, naquele momento em que os jovens saíram do movimento dele foi quando os mais velhos e acostumados com a cidade quiseram se juntar, já que a presença daqueles jovens polêmicos e rebeldes os incomodava, agora dariam uma nova chance para que ele se provasse bom o suficiente, principalmente para reger aquela cidade que tinha tantas regras. O cenário havia mudado, a oportunidade que foi lançada sobre ele o tornou mais confinante do que nunca, agora seria seu grande momento de virada e a implementação de suas propostas de campanha.

Daquela forma, ele começou a pregar novamente sua ideologia, com mais força e vontade em sua fala do que antes, para realmente convencê-los de que ele poderia fornecer uma liberdade plena como nenhum outro poderia, era como se aquele empresário se portasse tal qual uma figura divina, falando suas ideias vindas diretamente do além, para qualquer um que quisesse ouvi-las. Cada dia mais a confiança do recém-político crescia, assim como seu número de seguidores, nem possibilitando a chance para seu concorrente, que tinha a intenção de se reeleger.

Estava chegando o grande momento, depois de várias estratégias de campanha e a população da cidade decidindo qual ideologia iriam aderir, era finalmente a hora das eleições por lá. Neste caso, só a primeira parte, onde se decidiam se os candidatos iriam realmente concorrer por aquele cargo, era muito importante, pois afunilava bastante da competição política mas também era um período em que muitos interessados, sem relevância eleitoral, tentavam se lançar na carreira política, mesmo sendo raríssimo os casos em que passavam para a próxima etapa, já que segundo as regras daquele local, era necessário que tivesse um número significativo de votos para enfim se tornar um candidato oficial e poder concorrer à prefeitura. Nesta fase, quem mais votava não era a população em si, mas sim os membros do serviço público, principalmente os poucos policiais que haviam por lá e as pessoas que trabalhavam nos escritórios associados à prefeitura, tudo para garantir que o governo ficasse na mesma fórmula de administração.

Mas para a surpresa daquela cidade, mesmo que os funcionários tenham trabalhado o tempo todo durante os últimos quatro anos com o prefeito antigo, a maioria deles preferiu escolher o novo candidato. Ele tinha uma retórica surpreendente que impressionava qualquer um que ouvisse nem que fosse cinco minutos do discurso dele. Com essa reviravolta, ele tinha se tornado mais confiante do que nunca, agora ele estava empenhado em se conectar com os habitantes da cidade e entender melhor os problemas que ocorreram no período em que ele estava fora, tudo para solucionar ainda mais o que prejudicava aquela pequena cidade e aqueles atos com certeza repercutiram positivamente em sua campanha, atraindo uma parcela ainda maior da população local.

Com essa virada tão surpreendente quanto sua chegada, era a hora de disputar finalmente a segunda etapa da eleição, onde os dois candidatos iriam participar de debates eleitorais e mais comitivas ainda, além de que nessa etapa era o próprio povo que votava, então, o número de votos era maior do que na primeira parte. Os dois se empenharam em fazer perguntas precisas para desestabilizar o oponente e provar que teriam melhor capacidade de governar a cidade em relação ao outro, mas mesmo com a tática de campanha incisiva e o conhecimento técnico maior das regras pelo prefeito antigo, o novo concorrente se mostrou muito centrado e disposto para lidar com essa responsabilidade, aquele modo de lidar com a situação e a pressão no debate atraiu ainda mais eleitores.

O dia em que a eleição final aconteceu estava bem quente, então os moradores da região estavam com camisetas e roupas mais confortáveis, apesar disso e dos ventiladores ligados no local, os candidatos tinham que permanecer naquele auditório de ternos e, obviamente, estavam com muito calor, mas ambos se mantiveram lá até o fim e parabenizando a cada cidadão que votava, conforme mais uma das regras da cidade ao qual respeitaram por tradição. Aquilo, inclusive, reavivou memórias do empresário quando seu pai foi votar e o candidato da época parabenizou seu pai e acenou para ele, era como um mundo surreal para ele que, enfim, estava na mesma posição daquele candidato. No final do dia, ambos estavam exaustos, mas ao mesmo tempo ansiosos para saber qual seria o resultado daquela eleição, já que estavam aficionados em ganhar, mesmo assim os dois tiveram que sair daquele auditório, mas que claramente tinham vontade de adiantar a contagem de votos.

Enfim foi anunciado o resultado das eleições, o grande e novo prefeito da cidade era o empresário, sua alavancada de votos foi surpreendente, assim como sua virada nos números, dessa forma, ele finalmente conseguiria colocar em prática tudo que almejou durante sua campanha: criar uma verdadeira utopia e entregar liberdade para seu povo, tornando aquela cidade em que cresceu um lugar muito melhor. Obviamente, tudo isso o animava muito, seu sonho e posto tão merecidos tinham sido conquistados. Ele cumprimentou seu concorrente no auditório da prefeitura quando foi anunciado o resultado e, rapidamente, o antigo prefeito se retirou do local, sem responder nenhuma pergunta, mas o que importava era que ele havia se tornado o novo prefeito.

Ele estava ansioso, iria dar seu primeiro discurso em frente a todos da cidade, isso ainda o deixava um pouco nervoso demais, mas nada poderia impedir o momento especial. Lá estava ele em um palco feito no começo da avenida principal, era outra tradição secular da cidade e, por isso, aceitou e foi lá, mas suas intenções já eram começar a ruptura que planejava, toda a transformação começaria ali, naquela cerimônia de posse. Então, ele começou a discursar, falar de tudo que aconteceria. Sua empolgação era genuína, estava feliz em comunicar para seu povo tudo que iria entregar para eles naquele dia, até que no meio de seu discurso tão emotivo e passional, uma pergunta interrompeu e mudou o rumo daquele raciocínio, encurtando o caminho.

— Mas e as regras Senhor Prefeito? — Perguntou uma idosa, confusa com o novo regulamento.

— Com certeza, as legislações aqui são bem rígidas e vêm desde a fundação da cidade. — Complementou um trabalhador local.

— Essas regras a que se referem? — Disse o prefeito sorridente ao mostrar o conjunto de leis de lá em papel.

— Não valem mais para nada, muito menos em meu governo! -Então, após dizer isso, o prefeito rasga o documento na frente de todos para que possam ver.

O choque foi instantâneo, ninguém nunca havia quebrado o código de leis da cidade antes, nunca nem havia necessitado disso, era como se essa nova Utopia viesse para quebrar todos os paradigmas do que eles acreditavam existir na antiga pseudoutopia em que viviam. Nada seria como antes, agora era oficializado que eles tinham a liberdade da forma mais plena possível, sem nenhuma amarra de leis para os prender, tornando aquele momento o mais histórico do que jamais houve na cidade. Alguns minutos de silêncio e reações de espanto foram interrompidas por uma única celebração de todos da cidade, começando pelos mais jovens, parecia que eles finalmente viram uma oportunidade de se livrarem daquela pacata vida que tinham lá, isso era exatamente a notícia e o evento que precisavam para concluir sua meta de sair daquele local de uma vez por todas, abandonar a vida monótona de lá.

— Prefeito, a gente finalmente vai poder se mudar daqui? — Disse um dos jovens, muito empolgado e sorridente.

No meio de burburinhos e cochichos dos mais velhos, o prefeito olhou novamente para aquele jovem, sem rancor ou medo nenhum, disse:

— É claro, meu garoto, a liberdade é sua, pode fazer o que quiser com ela!

Ele celebrou, seu grupo de amigos vibrou com aquela notícia, finalmente o sonho deles havia sido concretizado de uma forma que eles jamais imaginariam, por isso a emoção tão vibrante. Durante os próximos dias, foi organizado em conjunto com a prefeitura um ônibus que levaria aqueles jovens para fora da cidade, tudo em prol de seguirem seus sonhos e finalmente terem a tão sonhada liberdade e vida fora daquela cidade. Assim todos aqueles jovens finalmente saíram de lá, alegres pela sua conquista e, pelo visto, o resto da população tinha adorado a ideia também, pois agora a cidade seria totalmente deles e mais acessível a tranquilidade que era perturbada por aqueles jovens, pelo menos na visão dessa parcela da população.

Com a liberdade alcançada, o atual prefeito se retirou para a mansão que antes era do antigo ocupante, ficou por lá para apenas administrar a cidade e impedir de que aquele modelo de sociedade sucumbisse ao caos. Além do óbvio, que era convencer outras cidades a seguirem o mesmo caminho, para a surpresa do prefeito aconteceu totalmente o contrário na própria cidade: onde as pessoas estavam com as regras tão enraizadas, que não conseguiam viver de outra forma diferente de antes, era como se nunca tivesse acontecido a ruptura ou a cerimônia de posse.

Tendo aquilo em vista, o prefeito precisava agir de alguma forma, afinal ele tinha batalhado tanto para alcançar aquilo e, pelo visto, as pessoas não haviam entendido ainda, isso sem dúvidas era uma situação frustrante para ele, que precisou tomar uma medida drástica novamente para que as coisas realmente mudassem como era o planejado. Decidido, ele foi novamente para o começo da avenida principal, com um palco mais simples, convocou todos da cidade e contou novamente o porquê estavam ali, todo o plano de liberdade que tinha e tudo que os cidadãos poderiam fazer.

— A questão é essa, vocês estão livres, não precisam seguir mais as regras, podem cuidar de suas próprias vidas — dizia ele, quase desesperado para que o entendessem.

Mas parece que foi em vão, porque as pessoas continuavam olhando com confusão, como se estivessem ouvindo coisas sem sentido, mesmo que ele repetisse, era tudo em vão já que não daria para fazer de um jeito que seria compreendido por aquela população, por isso ele se retirou daquele lugar sem esperanças de continuar com sua ideia, já que ela não era tão eficiente para ninguém de lá. Retornando a sua mansão, ele se via sentado na grande cadeira que tinha no escritório, presenciando o anoitecer na janela

que tinha vista para toda a cidade a frente sem nem crer em como sua ascensão impressionante tinha sido barrada por um conformismo tão enraizado como aquele povoado, ao qual ele tinha certeza de que iria aproveitar a nova ideia que ele tinha proposto e mudar de vida.

— Eu jurava que ia dar certo — dizia ele à sua secretária, enquanto virava um copo de bebida.

— Era a liberdade plena, poderiam cuidar da própria vida, gastar o próprio dinheiro como quisessem, ter finalmente a vida toda sem o controle de terceiros.

— Sem nenhuma barreira, mas acredito que esse povo precise de alguma limitação e controle para viver — continuou ele, reclinando-se para trás, totalmente decepcionado em seu modo de falar.

— Acredito que por sempre terem o mesmo modo de vida, nunca mudariam — respondeu a secretária, em um tom centrado e sério.

A noite caiu na cidade, as pessoas foram todas para suas casas como se nada tivesse mudado, era realmente em vão tentar criar aquela utopia naquele lugar, aos poucos os jovens voltariam para a cidade também, arrependidos de sua decisão de debandada, tornando aquela cidade o mesmo padrão de sempre, e o prefeito revolucionário, não passava de mais uma peça renovada daquele mecanismo rígido de regras que não iria ser desfeito por um papel rasgado. Aquela reflexão do atual prefeito passou a ser importante para compreender que realmente não adianta toda liberdade do mundo se não for possível conceber esse conceito utópico, e, também, se as pessoas não estiverem com disposição para aproveitá-la, é como um sistema autodestrutivo em que não é viável alcançar a liberdade, pois as pessoas não têm interesse em ter controle da própria vida.



Sentimentos utópicos que acalentam meu ser

Ana Catarine Mendes da Silva

Em harmonia de traços perfeitos
E desamores adocicados
Que me fazem sentir e perceber
O quanto me aqueço em teus lábios

Ele tem certo poder sobre ela,
E como uma sociedade perfeita
Observo aquela alienação,
status quo e variação
De tarefas elegantes
E sentimentos conflitantes
Que erguem desejos
E erupções constantes

A cortina da utopia
Esconde aquilo em que ela se amplia
Alicerces de vidros e gelatina
Que quebram e dissolvem na menor sina

Sorrisos eternos e olhos azuis
Oceanos constantes imaginários
Me pergunto até quando
Observaremos sonhos ordinários
Que nada mais são do que esperanças
E prazeres desenfreados
Daquele sentimento utópico
De amar quem não pode ser amado

Utopia Necessária

Lucca Henrique Hermini

Um mundo bem diferente,
Onde todos se entendem como gente.
Nesse local onde não existem noções de 'indigente';
Apenas a união e o pensamento decente.

Seria fantástico viver lá,
Deixando o tempo passar,
Sem se preocupar
Com quanto dinheiro em sua conta há

O amor sempre no ar,
Aproveitando cada pôr do sol.
Felicidade em cada olhar,
E enfim ver a lua brilhando como um farol.

Já tentaram imaginar
Onde está o amor? Ficaram a se perguntar.
Mas de nada adianta se, na prática,
A sociedade continua tão apática.

Olho para o céu,
Vejo o azul limpo e claro.
Sem imaginar o que está acima daquele véu de nuvens,
Apenas observo tranquilizado.

Sei que é difícil conceber.
Em uma ideia dessas, não dá para crer.
Mas precisamos nos entender.

Sem ninguém para mandar em você,
Ou te dizer o que fazer.
É apenas crer.

Seria pedir demais um lugar como esse?
Acho que para muitos a resposta seria sim.
Mas prefiro ter esperanças e acreditar no interesse
Por tornar o mundo assim.

dystopia

Ana Júlia Caetano

I do not need to see
in order to feel
a hundred rough, calloused hands
roaming through my body
scratching my eyes
tearing apart my insides
pressing down on my chest
and shutting my mouth tight.
looking for something I did not willingly give
creations brought to me by horrors that weren't mine.
there are hands that aren't mine
dragging my weight on the floor
telling me that I am a vessel of light
deserving of protection.
dignity, in the sharp tongues of the ones above
is not meant to be wasted on me
merely a bearer
only to be given to what I bear.

CONCURSO LITERÁRIO

1º lugar na categoria Conto

vida após a morte

Luíza Eduarda Miranda

O que é engraçado.

O que é engraçado é que os passarinhos do quintal não sabem comer quinoa. Linhaça, sementes de girassol, chia, amêndoa, castanha de caju. Nada! Eles não comem nada.

Cíntia sentia estar em desacordo com tudo. Ela proseava, podia passar horas a fio desenrolando mágoas sobre o porquê de não ter mais onde ficar no mundo da vida.

Era frustrante, é o que era. Linhaça, sementes de abóbora, uma goiaba inteira, eram tantas cores e tanta doçura que parecia impossível não ter acertado dessa vez, mas ora! Lá ia ela novamente, levando uma humilde oferta do que parecia mundano para os fascinantes reinantes dos céus, trovadores da manhã, entidades da poesia.

Poesia! Arte. Que mais vivo que a arte? Que mais belo, que mais elegante, delicado como o primeiro fôlego, como o coração tetracavitário de um mamífero, que menos moribundo? Nada. Nada.

Mas, nada. Os passarinhos não tocavam suas sementes, eles só continuavam a reinar os céus, como se sua delicadeza fosse inalcançável. E Cíntia convencia-se cada vez mais de que era.

Quando a senhora passou a se sentir assim?

Não sei! Ninguém mais parecia entendê-la. Ela já havia escutado histórias de sujeitos que mudaram depois de experiências traumáticas. Passaram a ouvir vozes, passaram a ver olfatos, trocar ouvidos, sentir palavras. Coisas que ninguém entenderia de fato pelo simples fato de não se sentir da mesma forma.

Ela ousou dizer: será que não me entendem por causa da minha ida ao mundo da morte?

E será que já não sou mais daqui, mas de lá?

Clomipramina, sertralina, fluoxetina, desvenlafaxina. Nomes de um outro mundo.

Agora ela estava de volta. Viva?

Claro, querida.

Ah, claro, querida... Engraçado. Sabe o que você é quando não sabe explicar a tese? Um plágio.

Luz, aromas, quente do sol, quente dos pés debaixo das cobertas, quente das lágrimas de alívio. O que era aquilo? Se ela viveu neste mundo uma vez, por que não o reconhecia? Por que não conseguia conversar com os passarinhos? Por que não conseguia fazer arte, entender a arte, viver a arte?

Sim, talvez ela tivesse vivido naquele mundo um dia. Mas ter saído e voltado, saído e voltado, saído e voltado... Um estrago, malfeito para a vida.

Eles comem as bananas...

Desvenlafaxina. Desvenlafaxina.

Planto um grão de feijão. Como uma criança.

Como a senhora está se sentindo? Tontura, enjoo?

Dissociação?

Não sei mais conversar com ninguém. Me sinto assim. Vazia.

Cíntia gosta que toquem em suas mãos.

Ela corria, às vezes, na rua, para reparar na vida. Supôs que podia ao menos admirá-la.

Uma vez, ao passar pelo asfalto quente de uma rua deserta, seu coração pisou em falso. Foi extasiante. Ela viu uma cor profunda nascer de um pedaço de terra, nem pensou. Parou mesmo com o barulho do coração nas orelhas. Era uma roseira, assim, no meio da rua.

Ela se agachou na terra. A cor, o cheiro, o toque... o gosto da violência salivando a boca. Espinhos! Espinhos no corpo de um botão de flor, o que dói junto ao que cura. Riu, riu como se fosse viva. Que graça tinha esse mundo estranho! Alguém passava ali, todo dia, numa rua destruída e rançosa, para cuidar de um pé de erros?

Claro, alguém limpava o pincel, todo dia, para traçar rostos falsos. Alguém eternizava, numa foto ruim, o passarinho feio. E era bonito. Claro, alguém rezava, para um mundo estranho, para um mundo em queda, para um descompasso.

Cíntia olhou os céus. Não havia nada... Mas, num sobressalto, reparou nos muros. Cada tijolo, um par de asas. Em todas as cores! E mais cores, pois todas não seriam o bastante. Sentiu nascer dos braços estruturas finas, serreadas e múltiplas. Alongar o nariz, duro, fino e melódico. Sentiu os pés vergarem, o suor fugir, o coração bater pedindo.

Alçou o voo com suas asas novas, como se fosse pássaro, como se fosse algo mais do que era de fato, como se possuísse todas as cores do mundo, como se pudesse perder a prudência, dançar no ar vinte e sete rodopios e tê-la de volta.

E então? A senhora conseguiu dar de comer pros pássaros?

Cíntia rodou nos dedos uma fruta doce que se desfazia. Olhou nos olhos, sorriu, balançou a cabeça. Não. Nunca.

Carregou consigo a delicadeza da morte, até morrer.

CONCURSO LITERÁRIO

2º lugar na categoria Conto

Moedas perdidas

Milena Wanderley

Calçou os chinelos do quarto assim que saiu da cama e se espreguiçou lentamente. Acordara cedo novamente, Laura percebeu, decepcionada consigo mesma. Fez um café forte, pegou uma gorda fatia de bolo de chocolate e foi espalhando migalhas até o sofá. Assistiu a todos os programas de culinária da TV, pois era isso que todos os canais passavam de sábado de manhã.

— Sabe, Scott? Eles querem que a gente aprenda a fazer essas receitas todas, mas é muito mais gostoso quando alguém faz pra você. E só o que precisamos fazer é comer, não é? — Ela afagou as orelhas do seu shitzu. Ele ainda era um filhote, mas já era uma grande bola de pelo.

Foi atraída de imediato para a tela do celular que se acendeu do outro lado do sofá e se esticou, automaticamente, para pegar o celular, mas desistiu no meio do gesto.

— Não. Nada de redes sociais pra mim, Scott.

Depois ela levou o cãozinho para uma caminhada. Saiu de casa com uma roupa de ginástica nova que nunca tinha usado e o cabelo sem escovar - ela ainda não havia acordado direito. Mas seu momento solitário durou pouco, pois, ao caminhar dentro da praça, encontrou sua irmã mais velha, Mariana, sentada em um banco e com uma revista sobre o colo, acenando para que Laura fosse até ela.

Guiada unicamente por educação, ela foi cumprimentar a irmã.

— Depois de tantos dias chovendo, as crianças precisavam tomar um pouco de sol. — Ela apontou para um menino e uma menina, mais adiante, correndo em volta de uma fonte antiga e quebrada. — Tentem não se molhar! — Ela gritou para eles e se voltou novamente para a irmã mais nova. Sua expressão se transformou de imediato e seu olhar demonstrou preocupação e piedade: — Ah, e como você está? Depois que, sabe... terminou o relacionamento com o...

— Argh, Mariana! Por favor! Precisamos falar sobre isso de novo?

— Eu só quero saber como você está! Isso é errado, poxa? Depois daquele dia que você ligou para mim, no estado em que estava...

Laura se afastou da irmã, finalizando abruptamente a conversa, e foi em direção às crianças, que brincavam na fonte quebrada. Os sobrinhos vieram imediatamente em sua direção e a cumprimentaram mais afavelmente que sua mãe, mas logo a atenção deles foi dirigida ao cachorro.

Ela deixou que os três matassem a saudade primeiro, depois perguntou:

— Do que vocês estão brincando?

— É uma fonte dos desejos! — disse a menina Sofia prontamente.

— Mas por que estão pegando as moedas que já estão na fonte? Isso não irá estragar os desejos das outras pessoas?

A menina ruborizou imediatamente, percebendo que poderia ter cometido um erro, mas o garoto não se abalou e respondeu, irritado:

— São desejos VELHOS!

— Ah, sim. Tem razão. — Laura fingiu compreender.

— Aqui! Faz um pedido! — Pedro insistiu, se inclinando sobre a murada da fonte para pegar um punhado de moeda e entregar à tia.

— Uau! Você acha que eu preciso de tantos desejos assim? — Ela riu, sem graça. Laura não sabia ao certo o que pedir, ou sabia, mas tinha vergonha de dizer às crianças que gostaria de ter o seu ex-namorado de volta. Então ganhou tempo e perguntou quais foram os pedidos deles.

Enquanto eles falavam, os pensamentos de Laura divagaram... Será que uma simples moeda atirada numa fonte antiga traria o namorado de Laura de volta? Talvez sua moeda afundasse e ficasse ali no fundo, esquecida, ou então, seu desejo seria roubado pelas mãos ágeis das criancinhas que vinham até a fonte capturar desejos perdidos.

Ela se sentou na murada da fonte, observando as moedas mais ao fundo, imperturbáveis, e soube que o término de seu relacionamento fora o completo oposto daquela calma silenciosa. O relacionamento desmoronou como um castelo de cartas e Laura desmoronou junto, mas sem a mesma elegância. Ela chorou sobre a almofada e a manchou com o rímel dos cílios, derramou vinho sobre o vestido que usava ao ligar para a irmã e contar o que acontecera. Os quadros caíram todos no chão quando ela bateu a porta com força ao ouvi-lo lhe dizer adeus. E, na ligação com a irmã, Laura dizia: Como? Como eu arrumo essa bagunça?

— Eu queria MUITO uma bicicleta nova! — Sofia subiu em cima da murada da fonte e gritou com os braços abertos. Scott latia em alerta. Isso fez com que Laura saísse de seu devaneio e ajudasse a sobrinha a descer dali antes que caísse, mas a menina continuou falando, muito empolgada:

— Com uma cesta na frente e uma buzina! Ela tem que ser roxa! E eu vou colar muitos adesivos nela!

Capturada por aquela animação, Laura se atentou novamente ao presente. As crianças desejavam coisas diferentes e faziam pedidos simples, porém cheios de vontade: bonecas e videogames, ir ao cinema nas estreias dos filmes, andar de montanha-russa, comer pirulitos todos os dias e não precisar escovar os dentes.

Ela, ao vê-los tão inocentes e sinceros, desejou que fosse como eles e pudesse desejar pedidos simples e cheios de vontade. Então, espontaneamente, disse as primeiras palavras que lhe vieram:

— Eu gostaria de fazer desaparecer uma enorme mancha de vinho do meu vestido favorito! — Quando percebeu que disse isso, olhou assustada para as crianças, temendo suas reações e a explicação que provavelmente teria que dar. Mas a menininha a observou com atenção, puxou as duas trancinhas para frente e disse:

— No seu vestido favorito?! Que azar!

— Agora jogue a moeda na fonte! — instruiu Pedro, vibrando de entusiasmo. Laura riu e fez o que o sobrinho aconselhou. A sensação de ver a moeda afundando na água foi tola e maravilhosa, e sentiu crescer dentro de si a mesma alegria que as crianças expressavam.

O garoto atirou outra moeda à fonte:

— Eu quero nunca derrubar sorvete na camiseta!

— Eu também! Eu também! — Sofia concordou.

— Eu também! — entoou Laura, dividindo as moedas entre eles e se revezando para atirá-las na fonte.

Desejos pesados afundavam e desejos velhos eram roubados. Então fez pedidos simples e inusitados, porém cheios de vontade. E ela organizou desejos em moedas de cinco centavos: Queria um rímel novo à prova d'água e queria ganhar uma almofada nova, de preferência de Mariana, que tinha bom gosto; desejou que a bagunça da casa se resolvesse como num passe de mágica e desejou que seus quadros nunca mais caíssem da parede, mesmo quando sua vida virasse de ponta-cabeça novamente. Pediu, com sinceridade, que a dor no coração fosse embora como uma moeda arremessada bem longe numa antiga fonte dos desejos.



CONCURSO LITERÁRIO

Menção Honrosa na categoria Conto

Dias chuvosos

Mary Baracat Chaib

Era uma vez uma garotinha. De cinco anos de idade. Ela morava em uma pequena casa com sua vovó e seu melhor amigo, Sr. Cenoura, o coelho de pelúcia.

A garotinha passava a maior parte do tempo em sua casa. Mais especificamente em seu quarto, conversando com o Sr. Cenoura. Ela não saía de casa para dar uma volta fazia um bom tempo. Nos últimos meses, havia chovido todos os dias, sem exceção. Era uma chuva forte, combinada com um céu escuro e um tempo úmido. A garotinha constantemente perguntava para o Sr. Cenoura quando a chuva iria parar. Ela não gostava da chuva. Ela gostava de dias ensolarados e do calor. Mas parecia que, desde que sua mãe foi fazer uma viagem para o céu, o sol foi embora e as nuvens cinzentas tomaram seu lugar.

Vovó sempre convidava a garotinha para uma volta no parque:

— Você fica o dia todo em casa, pequena, está pálida como um vampiro.

— Ora vovó, como vou sair com essa chuva?

— Mas de que chuva você está falando? O sol está mais quente que o inferno hoje!

Isso preocupava um pouco a garotinha. Será que vovó estava ficando gagá? Como ela podia não ver a chuva lá fora? Mas, outro dia, a garotinha ouviu um senhor no jornal dizer que os últimos meses estavam sendo os mais quentes em anos e que muitos Estados estavam sofrendo com a seca, decorrente da escassez de chuva. Então, a garotinha chegou à conclusão de que não era só vovó, mas o mundo todo estava ficando um pouco gagá.

Às vezes, a garotinha passava horas olhando pela janela, contemplando a chuva. Mesmo gostando mais do sol, ela já havia se acostumado com a chuva e passou a tratá-la como uma velha amiga. Na verdade, ela nem se lembrava de como era sua vida antes da chuva.

Certo dia chuvoso, um homem bateu à porta da casa. Vovó o atendeu muito sorridente, pediu para que entrasse e serviu café com biscoitos de chocolate para ele. O homem era muito alto, carregava uma maleta e tinha um bigode engraçado.

Vovó passou um bom tempo conversando com o homem de bigode. Em seu quarto, a garotinha e o Sr. Cenoura tentavam escutar a conversa dos dois, mas era difícil entender tudo. Em síntese, a garotinha ouviu vovó dizendo ao homem de bigode que estava muito preocupada com sua netinha:

— Ela não sai de casa há meses, só fica em seu quarto. Ela não tem amigos, não brinca mais, não come mais minha comida. Ela costumava amar minha comida! Eu não sei o que está acontecendo.

O homem de bigode, então, pediu para ser apresentado à garotinha. Ela e o homem de bigode se cumprimentaram. O Sr. Cenoura também o cumprimentou.

— Como você está se sentindo hoje, princesa? — perguntou o homem.

— Bem — respondeu a garotinha.

— O que acha de me contar um pouco sobre você, enquanto sua vovó prepara um bolo de cenoura?

Então a garotinha contou sobre ela. Contou que sua mãe havia viajado para o céu. Contou que não gostava da chuva. Contou que ela queria o sol de volta.

— Eu tenho certeza de que o sol vai voltar — disse o homem de bigode em meio a um sorriso.

A garotinha voltou para seu quarto e escutou o homem e a vovó conversando de novo. Mas dessa vez, eles estavam sussurrando. A única coisa que ela e o Sr. Cenoura conseguiram ouvir, era que a garotinha tinha uma tal de “demissão infantil”. Isso a assustou. Ela não fazia ideia do que aquilo queria dizer. Será que era algum tipo de resfriado causado pela chuva?

No dia seguinte, a garotinha não aguentou a curiosidade e decidiu perguntar:

— Vovó, o que é demissão?

— Demissão é quando a gente é dispensado do nosso trabalho.

Ora, mas aquilo não fazia o menor sentido! A garotinha não tinha e nunca havia tido um emprego. Aquilo a deixou confusa, mas resolveu deixar para lá e voltou a se sentar à janela para encarar a chuva.

Alguns dias chuvosos depois, vovó chegou em casa com uma caixa cor-de-rosa enorme. Em seu topo, havia um laço vermelho cheio de brilho. A garotinha ficou encantada logo que colocou os olhos na caixa.

— O que é isso vovó? É um presente?

— É sim, pequena, um presente para você.

A garotinha imediatamente deu um grande sorriso. Foi uma sensação estranha, porque ela não se lembrava da última vez em que havia sorrido.

A garotinha abriu a caixa com todo o cuidado e uma coisa peluda imediatamente pulou em seu colo. Era um cachorrinho. O cachorrinho mais lindo que seus olhos já viram. O coração da garotinha disparou de alegria e ela o abraçou com todo o amor que era capaz de oferecer.

— O nome dele é Sorriso. Você pode ficar com ele se me prometer uma coisa.

— Eu prometo qualquer coisa.

— Me prometa que vai aceitar ir a uma psicóloga conversar.

— O que é uma psicóloga?

— É uma amiga. Uma amiga em que a gente vai para conversar sobre nossos sentimentos.

A garotinha concordou sem hesitar. Ela conversaria até com um palhaço para ficar com Sorriso. E ela realmente morria de medo de palhaços.

Um mês se passou. Sorriso já havia crescido um bocado. Ele inclusive havia comido um dos bracinhos do pobre Sr. Cenoura. A psicóloga, a nova amiga da garotinha, vinha até sua casa para uma conversa um dia por semana. Era mágico como a garotinha se sentia muito bem depois dessas conversas. Quanto à vovó, ela nunca esteve tão feliz. Ela até convidou novamente o homem de bigode para tomar café e contar sobre o apetite da garotinha, que havia voltado ao normal e falar que a amizade entre sua neta e Sorriso estava dando resultados positivos.

Certo dia, Sr. Cenoura e a garotinha estavam sentados em frente a janela. Sorriso estava em seu colo, quando ela percebeu uma coisa estranha. Havia parado de chover. O céu não estava mais nublado. As nuvens haviam ido embora. Um sol tímido despontava no céu.

— Vovó! A chuva parou! A chuva parou finalmente! Eu já posso ir lá fora de novo!

Vovó deu um longo abraço na garotinha e em seguida um beijo na cabeça peluda de Sorriso.

— Obrigada, Sorriso. Você ajudou a trazer o sol de volta.



CONCURSO LITERÁRIO

1º lugar na categoria Crônicas

Passagem

Larissa Lopes Furquim da Silva

Se há dois anos alguém me perguntasse se eu gostava de andar de ônibus a resposta seria uma risada sarcástica e um bem pronunciado “não”. Afinal, o que há de se gostar nisso? A lotação em horários de pico? O balanço e as paradas bruscas? O ambiente abafado nos dias de chuva por conta das janelas fechadas e a falta de ar-condicionado — ou este nunca funcionar? Naquela época eu certamente ficaria feliz se me contassem que eu não precisaria mais passar por isso, porém essa época já é um passado longínquo, cada vez mais distante conforme cresce a certeza de que as coisas nunca mais voltarão a ser como eram.

É engraçado como sentimos falta das coisas apenas após as perdemos. Nós sabemos que nada é eterno e ainda assim — talvez para a nossa sanidade — nós ignoramos esse fato e nos habituamos com o cotidiano, agarrando-nos à ilusão de constância. É assim para as coisas mais importantes da vida, mas também para as quais consideramos mais banais.

Não há nada de agradável em andar de ônibus, ele é apenas uma utilidade, uma que não possui cinto de segurança e que normalmente atrasa. Ainda assim, ele era uma regularidade da minha vida — quando esta estava além das paredes que me confinam hoje em dia. Diferente da atual rotina fastidiosa, na qual raramente tenho a oportunidade de sair de casa, o cotidiano monótono de antes era facilmente quebrado. Fosse pela companhia de algum colega da universidade, o que sempre deixava a viagem mais divertida; fosse por eu atrasar pelos mais variados motivos e precisar correr para chegar no ponto com o ônibus logo atrás de mim. Até mesmo o percurso de cinquenta minutos me permitia contemplar fragmentos da vida urbana, que apesar de familiares, nunca eram iguais — uma visão impossível de se conseguir da janela do meu quarto.

Se buscar em minhas memórias é possível relembrar algumas das pessoas que subiam na linha de ônibus 357 comigo regularmente: a motorista que sempre dirigia acima do limite permitido, mas que sempre nos fazia chegar no horário; o menino que voltava para casa com o uniforme da escola; a moça com piercing no nariz que desembarcava bem no centro da cidade; e o rapaz universitário de cabelos ruivos que sempre descia no ponto próximo a empresa de energia — será que ele já se formou? Ou será que está em situação parecida com a minha? Nunca saberei. Não andarei mais por aquele ônibus, ou pelos conturbados corredores da faculdade, cheios de gente, de frustração, e de alegria. Não verei mais as pessoas que antes eram contínuas na minha vida.

O grande problema do tempo — tenha ele sido aproveitado ou perdido — é que ele nunca volta. Nenhum de nós recuperará o que já passou. Minhas viagens de ônibus, as divertidas e as entediantes, a convivência na universidade, e os sublimes momentos com os amigos da faculdade, tudo isso já faz parte do passado. Não terei outra chance de revivê-los, não da mesma forma que antes. Comemorarei minha formatura com o possível fim da pandemia, carregando todas as desventuras advindas dela.

Se alguém me perguntasse hoje se eu gostava de andar de ônibus, a resposta ainda seria “não”, mas isso seria apenas uma parte dela. Não posso dizer que gostava de ter minha bolsa presa na catraca, ou de ter que passar o trajeto inteiro de pé enquanto era espremida em meio a tanta gente. Contudo, eu aceitaria todos esses infortúnios se junto a eles eu pudesse trazer de volta os antigos prazeres cotidianos. Eu gostaria de retornar para o tempo em que isso era minha rotina, mas sei que não posso. O tempo só olha para frente, e por mais difícil que seja, em algum momento, precisarei fazer o mesmo.



CONCURSO LITERÁRIO

2º lugar na categoria Crônicas

Caipira

Hugo Santinato Faria

Meu Avô, mais conhecido como seu Reinaldo Moretto, com cabelos grandes, ondulados e brancos e seu um metro e noventa de pura virilidade, é uma figura fácil de identificar na rua. Se você, meu caro leitor, vir um cotonete gigante da cidade de Itu com um chapéu panamá, daqueles tipos que só “jovens idosos” usam, posso lhe dar meus parabéns por ter encontrado o homem mais incrível que já passou na Terra depois de Jesus Cristo (acho que é assim que ele se descreveria, com sua modéstia habitual).

Rina-Man, gosto de o chamar assim, pois dá a entender que ele é um super-herói. Nasceu em Piracicaba, em 1943, e mudou-se para São Paulo aos 10 anos de idade. Filho de imigrantes italianos que vieram ganhar a vida em fazendas de café.

Segundo dados históricos apresentados por ele, a família Moretto, junto a Raul Seixas (desde dez mil anos atrás), participou de diversos eventos históricos. Lutaram com leões em Roma, tentaram falcatruas contra Júlio César, ensinaram um pintor medíocre a pintar, acho que o nome dele era Leonardo da “Trinta”... Algo assim... Falaram pra um tal de Galileu que a Terra era redonda. Ajudaram um tal de Ulysses a escrever um documento meio confuso, enfim...

Reinaldo, tinha diversos problemas com seus professores. Era chamado de caipira na escola. Porém, como não levava nada pra casa, ele os xingava de volta e, claro, por conta disso, se metia em muitas brigas.

Nosso herói repetiu a sétima série por fugir da escola e ir caçar passarinho para vender (algo muito politicamente incorreto nos dias atuais) e arrecadar uma graninha. Para algo nobre? Como a causa das baleias ou extinguir a fome? Não! Ele juntou uma graninha para comprar flores e conquistar a mais nova residente da cidade, Leonice Franco (vulgo minha vó). Leonice, uma jovem intelectual, vinda da gigantesca e chique cidade do Rio de Janeiro, deu diversos foras em nosso herói.

Porém, após ter sido chamado de caipira várias vezes, em um ato não muito heroico, ele a conquista e pede sua mão em namoro na frente de um cemitério (muito romântico!).

Com os seus 18 anos e com o sangue nos olhos, ele decide que vai fazer de tudo para ser o primeiro Moretto a entrar em uma “Universidade”, ao mesmo tempo ele se vê obrigado a cumprir seu dever com a pátria de prestar serviços que realmente fizeram e fazem a diferença para a sociedade.

Como todo bom “Moretto”, ele contém o incrível superpoder de nunca desistir. Sendo chamado de caipira também pelo sargento, tinha que aguentar calado, ele sabia que valeria a pena.

Por conta destas adversidades e de outros problemas como falta de dinheiro, seu pai lhe diz para ir até a Igreja milagrosa de Bom Jesus de Pirapora. Reinaldo decide ir andando até lá, como uma promessa para as coisas melhorarem. Ele andou 100 km até Pirapora, entrou na Igreja e sentiu algo estranho em seu peito. Não, caro leitor, não era mais um fora de Leonice, era como se alguém tivesse tocado sua alma e lhe mostrado que ela era feita de sonhos e, por isso, ele estaria protegido.

Em sua volta para São Paulo, ele faz o vestibular e, com um ato mais revolucionário do que muitos lacradores profissionais do Twitter por aí, ele vence a estatística e torna-se Engenheiro Agrônomo e, assim como seus pais, decide seguir o ramo da cafeicultura, mas dessa vez não como um camponês e sim como um engenheiro! Reinaldo consegue se realizar profissionalmente e cria quatro filhos junto à Leonice.

Em um desses encontros de Natal eu descobri o superpoder da nossa família: os sonhos. Eu o ouvi cantando uma música que até hoje me emociona muito. Ela é mais ou menos assim: “O meu pai foi peão; minha mãe, solidão. Meus irmãos perderam-se na vida a custa de aventuras. Descasei, joguei, investi, desisti. Se há sorte, eu não sei, nunca vi. Sou caipira, Pirapora, Nossa Senhora de Aparecida, ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida”.



CONCURSO LITERÁRIO

Menção Honrosa na categoria Crônica

Musicalizar-me

Felipe Pizzinatto

Esse texto é um compilado de trocadilhos que podem dar sentido à algumas coisas que sinto. O foco dele não é dizer sobre música, mas sobre o desenrolar da vida, porque sempre que esse é o assunto, todo mundo diz que “o importante é tocar a vida.” Mas agora estava pensando: “o que é de fato tocar a vida? E se eu posso tocá-la, qual ritmo quero para mim?”

Me peguei então imaginando diversas maneiras de tocar a vida. Será que as vidas dos grandes músicos eram inspiradas em suas melodias e músicas? Será que Mozart e Beethoven tinham vidas tão complexas - ou bem tocadas - como suas sequências de acordes?

Imagino que eu não seja um bom “tocador de vidas.” Tenha dó, sou apenas um aprendiz de músico. Ou talvez, um aprendiz de vidas. Mas já que mencionei “dó”, essa escala musical eu conheço! E seria muito fácil tocar a vida com estes acordes, mas acredito que a vida “em dó” é vazia demais: sem muitas notas complexas. Tenho pena dos que tocam a vida em dó, pois estes passam o tempo todo tentando mudar e, quando percebem, lá se foi todo tempo!

E por falar em “lá”, acho que esse é um tom bom. Nem tão fácil, mas também nem tão difícil. Possui notas bacanas, combinações complexas, um tom bonito e que deve combinar com vidas bem tocadas. Imagino que aqueles que tocam suas vidas em “lá” estão sempre dispostos, em dias bons, enfrentando batalhas e superando metas. Imagino que seus dias podem até, hora ou outra, serem nublados, mas que sempre encontram um sol dentre as nuvens.

Sim! Um “sol” dentre as nuvens! Acordes fáceis, nem tão simples, mas também nem tão complexos. Um tom que as pessoas conseguem acompanhar, músicas bacanas e um brilho radiante que clareia tudo, trazendo ritmo para a vida das pessoas! Uma música que leva vida! Uma vida que leva música! O “sol” aparentemente sabe deixar tudo legal, resgatar o sentido das coisas e ser luz na alma nublada.

Percebi então que não importa a escala, o tom, a nota e nem mesmo a melodia: o que importa é tocar. Ora, não tem músicas só de “dós”, nem canções só de “lás”. Não tem dias só de “sóis” e nem dias só de chuvas. Não tem música se todas as notas forem iguais. Não tem vida se todos os sentimentos forem monótonos. Se na música da vida não variarmos entre acordes fáceis e difíceis, não estaremos de fato aproveitando-a. Talvez seja só assim (ou talvez “a si”) para as coisas darem certo: arriscando dar passos para tocar a vida independente das dificuldades, seguindo sempre em frente, um passo de cada vez. E se precisar, pode até dar uma ré. Mas com os olhos e coração para cima, quase tão alto como o sol.

CONCURSO LITERÁRIO

1st place in the Mini Short Story category

The cat's hole

Isabela Aparecida Zambuzi de Moraes

Facing the mirror in the living room made me reflect a lot on my existence. It is impressive, for me, how humans are so self-centered... How they are only able to see what they want to and do so little in such a vast reality. I wonder how the existence of beings that cannot even understand their own world properly is possible. But it is different for us, cats, our senses are much better. It is not only about our vision or hearing, but we can also do and see many things humans cannot.

You must have wondered, at least once in your life, the reason why some cats are so afraid of water. It is true that we have lived with humans for a long time, whether as gods or as demons. Nevertheless, we have been walking on this earth for a long time too, we have lived alone for many years until we joined humanity. At that time, when cats were lonely creatures, we discovered a way to time travel through reflections.

During that period, the only reflections in nature were the water from rivers and the puddles from rain. Since it was the first time, we were seeing that kind of phenomenon, we had to make many tests to understand how that worked, which provoked many deaths. As a result, many of us developed an extreme fear of water. However, those losses were not nearly as bad as the ones caused by humans. I think you can tell, if you are reading this, that many false stories about cats were created and told through the generations. Oh, how we suffered unjustly just for existing.

But the main point in this story is human beings, not cats. We postponed our meeting as long as we could, but this particular species has always caused many complications to this small planet, so we had to intervene.

For many centuries, cats have tried to ease human actions in nature and protect them from themselves. We have tried to keep the balance by living with humans. So, when cats got in contact with them, we discovered mirrors, which have facilitated our job a lot. Since then, we have been travelling in time through mirrors, trying to fix some small things that could cause irreversible damages. Even though controlling humans is a very challenging task, we did not expect things to turn out so bad as they are currently.

The first time I met my human, I was a small kitty lost in the streets. She took me to her house and became my family. Now, just like my fellow cats with their own people, I'm in charge of protecting and leading her way during my brief existence on this earth. Luckily, she has a big and beautiful mirror in her living room, so I have never had big issues doing my work. Although I will not live with my human till the end of her life, I know her past, present, and future, all thanks to the reflection of the mirror. That is how I am able to help her and try to make this world a little better.

I would say that the most amusing fact about the relationship between humans and cats is that even with their arrogant posture, they know nothing about us.

My human and her friend, who was always visiting us, were staring at me while I was looking at the mirror. This friend, whose presence I do not appreciate very much, was a little bit too nosy. She said as I kept my eyes focused on the reflection, "Have you ever wondered why your cat is always staring at the mirror?"

"Hm?" my human struggled "I don't know. Because... It's a cat? I guess."

"It's kinda creepy, you know?"



CONCURSO LITERÁRIO

2nd place in the Mini Short Story category

Crimes in the street

Andrey Alves Santana

Crimes I see

As I walk in the streets.

Rapes and murders,

Drug dealings and robberies.

How could I ever not feel bad about it?

Furthermore, corruption I see

When I watch the TV.

No hope, whatsoever!

Shall die helplessly

Thou who dare to dream of a better world.

Wait! I see, down the road, a spark and some hope.

Could it be, an ameliorator?

Oh... never mind. It is just another robbery.

CONCURSO LITERÁRIO

Honorable Mention in the Mini Short Story category

of foreign things

Luiza Eduarda Miranda

I'm at lamb's age when it happens and he's a budding butterfly, an overturned one – one that instead rebelliously turns into a caterpillar and, I merely find it beautiful as the world gasps on. I have a lamb look in my eyes: the one that seeks something to adore.

The whole family is at the beach that week. We're getting away from Campinas, they're getting away from Chicago, maybe looking for redemption for living the American life (meanwhile, we're living this ours). Maybe I'm looking for redemption for being so Brazilian, so clingy, so out of style I want them here forever. The beach is stunning, but the house is dirty. There's rotten beef in the oven, rotting over the weekend, and we're sorry to have brought them here, but we're family. They don't mind, or they gracefully tell us so. I'm not old enough to know the difference, but old enough to feel the shame, so I keep myself quiet.

In my innocent shame, I draw on the corners of my notebook and on the walls. I like drawing, what can I say? My pen tries subtle frames that aren't enough to disturb these Americans or ogle their superior nature – they must, after all, have drawing lessons in schools, acting classes and, tap dancing and, soap operas in school theaters and pens that draw by themselves while they clap and sing and magically exist, as all American things do. So, I draw, in the corners, in the shadows, so no one sees me, listening to Kelly Key songs on my MP3, alone but watching, like a coward dirty little mouse would do.

We go to the beach, and I play on the sand, self-consciously taping on the salt water and tasting its salted flowers in my mouth when they splash. For a second, it's magic. I'm an awkward critter, my bikini's too tight around the tummy for American gracefulness, yet it's just so much fun and tenderness I can't help but love it! I run to my uncle, to my grandma, and hug them fiercely and chat endlessly and look at the scarce clouds and cherish my life for a second more before it fades. It's summer in Brazil with its summertime elegance. All the while there they are: blazing power underneath the Sun, even though their skin looks stupidly red and burnt, even though they can't laugh at our jokes and don't want to buy our cheap candies... They smell so good, while I just sweat everywhere (reeking of Sun, poverty, and single-mindedness).

I fade on the bed, looking at the ceiling, they laugh with my auntie. She loves them more than me, my cousins. She loves them, she loves them, she loves them. They talk in their language, this sacred language, and I, in my perceived inferiority, I can't seem to manage a foreign babble.

I draw on the floor with white chalk. He takes my picture.

What?

He takes my picture. The big one. The long one. The one with hair falling over his blue eyes, with sunburnt skin, with sea-soaked sneakers and, smelly armpits. He does it, he looks at me! Me. It's brief, but I can feel it for a minute, his like-minded... dolefulness? Huh. I sketch him, on the corner of the page, and keep it (secret).

The days pass, and we're all leaving – this wrecked paradise of a Brazilian beach house. We didn't use the pool because it was green, but we had our fun, right? Everyone laughs. I cower. I briefly hug them before anyone notices how out-of-place I'm feeling... But he's right there on the corner of the table, trying to be an artist (just like me). Not gone yet, not leaving. Scarcely, piously, timidly I get closer. One step at a time, now. I pull the chair and sit there looking at our aunt's laptop. He's meddling with the photoshop. I stare longingly, and we sit, simply, side by side, longly. The silence perpetuates itself because it's peaceful, sacred, in its self-sustenance. There's something there, something that feels meaningful and is absolute in its immateriality: company. The minutes aren't sullied by any words... because he doesn't know how profoundly I perceive him, and neither do I the opposite. Through it all I stay by his side, like a loyal pup. When it's time, we stand. It's awkward, of course, but there's something... when he hugs me.

It's not shameful or conceited, nor is it detached, because it's as genuine for him as it is for me, the reverence. It's reverence over a shared bond that maybe none of us knew it existed. He hugs me, hugs me, hugs me, and, for a moment, we're together in the blissful reality of the sensible heart – and then he says, kindly: "Tchau." And he's the lamb with the abashed look, with the Brazilian clumsiness, contained in the foreign mirror of my youthful soul.

They're gone. I'm gone.

He stays.



CONCURSO LITERÁRIO

1st place in the Poem category

You are. In spirit.

(I hope my verses can help you feel better somehow)

Juliana Peron Gothe

In his sprouts, he made trees
They solely wager the ground
As a single creature rest around
When the sun still decreases

For immortality, he deemed
That only what isn't petty
It will transpire as vivid as confetti.
So just pure blossoms, he wished for

(— You're such a beautiful writer. You know?
— I refuse to believe in you)

While cycles continued flying by
A thousand seasons attempted to change
Each of his unwanted sides
Because a hapless soul could never arrange

From a delayed time, imp held him in control
He could have fallen in the abstruse edge
As trustful wings were throbbled in crushed goals
Though a birdie evermore believes in the pledge

What is fairy real? What are the impressions?

When life had sunk, the passions of nurture
Were assembled inside a beloved gallantry
Sparkling reflection in his novel personality
New amusing grins will the injury suture

(I can share my optimism with you)

To reveal the presence of a deity
Senseless writers seek a benediction
Furthermore, an absolve to prior illusions with
Bogus shallow words and not a devoted conviction

CONCURSO LITERÁRIO

2nd place in the Poem category

The pouring rain

Ane Chelly Pereira Cangussu

I can see faces in the black clouds
they look at me like they know what I'm thinking about
the leaves from the yellow birch tree shake and fly away from me...
I can see now, the faces and the leaves are you!
And I don't know how you found me here!

The violent wind is leaving you away from me...
he is sweeping the clouds and leaves
leaving me here with nothing but your memory.
I whisper to the wind 'leave him with me here, please!'

The wind doesn't hear me, he just blows everything away
shaking violently every part of me...
I am still looking at the blurry clouds trying to see you again.
'come back to me, come back to me!'

Then, I feel in my face the rain drop touching me...
I feel the drop go through every part of me...
And baby I feel you pouring out on me, you're coming for me!
As you always do, you always find a way to find me.

CONCURSO LITERÁRIO

Honorable Mention in the Poem category

Don't give up!

Paloma Simon Vicente

Love,

Nous sommes nos choix.

Sartre said: "We are our choices".

So choose yourself.

Choose never to give up on you.

Even if the love of your life gives up,

The person who matters most is just you.

Don't give up fighting.

Put the glove on, Balboa.

You have to fall first to learn how to get up.

CONCURSO LITERÁRIO

1º lugar na categoria Poema

a carne mais doce

Maria Lígia de Carvalho Solssia

seu encanto doce ainda está em mim
a foto que você mais gosta foi para o jornal
os gatos comeram requeijão às 7 e meia da manhã
infelizmente não ganhamos no bicho
mas é assim
louvo seus pés
suas unhas cor-de-rosa
seus quadris
largos iguais aos meus
o mesmo sangue série branca a célula progenitora
escoamento das nossas vontades
e então feito líquido você se vai
elegante na sua impureza
como quem sai de uma festa muito boa
para ir pra outra muito, muito mais quente e louca e gloriosa em seu tato
muito mais visceral
o céu cujo epicentro não é senão o próprio inferno
a festa do céu e do inferno
(que é a vida)
divinos pecadores bestificados
polaridades invertidas
a pilha é a mesma
seu encanto doce ainda está em mim
recebo a força maciça e a lágrima peremptória
esvanece o tempo, a pedra-tempo
talismã
escorre no seu jardim de flores
o chão varrido, a frente limpa
molho todas as coisas que são vivas
e vivo
com seu encanto doce
para sempre em mim

CONCURSO LITERÁRIO

2º lugar na categoria Poema

transviada juventude

Luíza Eduarda Miranda

não sei ser jovem!

sei ser raiva

e tristeza

e vergonha

mas não sei ser jovem

não sei o que é segurar na mão uma estrela cadente e notar que ela faz parte da minha própria carne

sei apenas querer sair de um fogo de artifício, querer arder, querer queimar, querer fugir da pressa de que falta algo.

não sei ser bela

tenho medo da possibilidade de que meu interior seja feito de vinhos e varas e saias rasgadas, ao invés de lençóis de linho

já pensou não poder te forrar o chão?

já pensou não poder te levar à nuvem do mais inócuo mistério?

!

...

se você prometer não contar que me meti na floresta

e aí então se você prometer fingir que não cresci ainda num carrapicho alto e disforme de três metros e traços canídeos

falar pras crianças que o que elas veem é só o fio da vida escancarado num ângulo desfavorável

ah...

então acho que sim,

podemos ser amigos.

CONCURSO LITERÁRIO

Menção Honrosa na categoria Poema

Lugar recôndito

Livia de Resende Bigelli

Escondi palavras que queria dizer
Perdidas dentro de mim
elas vagavam lentamente por anos
em caminhos secretos
sem a saída conhecer

Alimentaram-se do tempo
gasto de fingimentos
acreditáveis que os outros
simplesmente decidiram ver

O que não se muda
permanece não visto,
mas cresce nas sombras
do invisível



